O espelho dos outros

São uma multidão. Depois de ver pela primeira vez, seguidas, as figuras que constituem este conjunto, a memória mistura-as. A qual pertence o chapéu que recordo? Não sei dizer, foram-me apresentadas demasiado depressa. Preciso de regressar a cada uma delas, examiná-la com tempo e detalhe. Preciso de compará-las entre si.

Ao fazê-lo, dou-me conta de que propõem um código. São constituídas por um número circunscrito de elementos. As diversas combinações sugerem diversidade, mas a repetição de elementos afirma a coerência interna de um mundo, uma lógica a decifrar. Talvez fosse possível desencaixar os braços de uma e colocá-los noutra; talvez pudesse experimentar várias pernas numa destas personagens. Essas mudanças implicariam alterações de identidade, mas tenho a impressão de que não faltaria capacidade de encaixe. Os próprios rostos parecem ter sido assentes ali, são como máscaras. Assim, até os rostos poderiam ser intercambiados. Nesse caso, claramente, seriam outros. Se agora são os outros, conforme indicado pelo título deste conjunto de obras; passariam a ser os outros outros.

Em qualquer dessas circunstâncias, reconheço um código, tento interpretá-lo. Tratam-se de imagens antropomórficas, o que está a ser dito refere-se ao ser humano. Talvez a subjetividade do humano seja comparável à das cores. Talvez também a sua objetividade seja dessa natureza. O que posso entender destes vermelhos? As cores são caracteres como as letras, edificam uma linguagem. E o dourado? A que ouro se refere?

As roupas, estilizadas, são uma convenção social, parecem dar eco de uma misteriosa hierarquia. Como se tivessem funções diferentes, como se ocupassem postos de importância variável. Tal sofisticação organizativa, deixa antever a complexidade do mundo de que chegam. Ao mesmo tempo, por outro lado, para lá dos rostos/máscaras, as áreas de pele que deixam a descoberto são limitadas: os braços, as mãos, os pés, o pescoço, os ombros, o colo do peito às vezes. Fixo os seus olhos amplos à procura de respostas.

São personagens andrógenas, femininas e masculinas, grossas. Com a mesma ambiguidade, as suas posturas definem-nas. Em certas ocasiões, seguram pequenos objetos entre os dedos, o que será? São objetos minuciosos, pequenos, com alguma utilidade no seu mundo. A forma das mãos é extraordinária, também um sistema de sinais?

E os animais que as acompanham: poderoso elemento destas obras. São sobretudo aves, algumas cobras, alguns aparentes mamíferos. A relação que existe entre estes animais e as figuras centrais é marcante para estas, faz toda a diferença no modo como as entendemos. Especulo: e se os animais são a materialização de algo invisível? Considero alguns e sou capaz de imaginá-los como metáforas: o medo, a incapacidade, os equívocos, o passado, etc. Os animais são algo que existe, não podemos fingir que não os vemos. Além disso, temos de aceitar que flutuem de asas fechadas, mesmo que a sua constituição, sólida e compacta, pareça não lhes permitir voar.

Ocupam um espaço branco, sem tempo, para lá dessas condicionantes. São uma alegoria gráfica do humano, do mundo. E se todas estas figuras se referirem a uma única personagem, um único ser em momentos diversos, visto de múltiplas perspetivas, a ser parte de uma única história? E se for eu, o meu reflexo, o reflexo de cada um de nós? Escreveu Clarice Lispector: "Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu."

José Luís Peixoto